ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43 —*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 18 DE JANEIRO DE 1904* | *NUMERO 11*

CONSELHEIRO JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO

CHRONICA

Cartões de visita

O cartão de visita, esse rectangulosito muito claro e muito fino no qual resaltam as lettras em tinta negra, veiu substituir o arauto que annunciava os combates, o criado que se enviava a prevenir d'um encontro e mesmo a obrigatoria visita entre gente conhecida, pelo Natal e pela Paschoa, n'um grande desperdicio de tempo, de salamaleques e n'um despezão enorme de presentes.

N'esses tempos de conventos, quando mãos, mais tarde canonisadas, fabricavam dôces d'um sabor ambrosiaco, quando a gente nobre tinha parentes em todos os mosteiros, logo que a folhinha e os sinos das egrejas annunciavam festa rija e solemne, marchava-se a caminho da portaria, com um pretalhão da Mina ajoujado de saquiteis d'offerendas, e voltava-se com o lacaio a respeitosa distancia esmagado ao peso das doçarias. Ah! Ainda hoje é celebre a marmelada d'Odivellas.

*

Ora o cartão de visita, com o seu arsinho fino, com a sua côr clara, muito simples, muito lavado, veiu substituir tudo isto, e tornou-se ao mesmo tempo arauto bravo e cortezão cheio de garbo, cerimonioso pagem e sacudido mensageiro.

As apresentações outr'ora faziam-se com duzentas reverencias: hoje dois desconhecidos topam-se na rua, n'um comboio, n'um hotel, sympathisam ou antipathisam, sorriem ou encarrancam-se raivosamente, vão convidar-se para jantar ou para um encontro fóra de portas, com dois padrinhos, de manhã e com uma caixa de pistolas. Não tem declamações. São simples, claros, laconicos como esse pedaço de papel onde estão estampados os seus nomes:

—O meu cartão!

E trocados elles ou se vae para a mesa ou para a Porcalhota cedinho, a despir-se o casaco e a apanhar-se senão uma bala ao menos uma constipação e umas actas nos jornaes.

*

Mas emfim isso sempre é mais simples do que as velhas usanças em que os parentes se convidavam para jantar por meio de cortejos de lacaios e em que os inimigos se reptavam para a liça por meio de arautos fortes, os mesmos que lhes berravam os nomes e as côres de suas damas a cada estocada que resvalava nas couraças em busca dos corações.

O cartão de visita, com o seu tom ingenuo, singelo, quasi puro, substitue tudo, presta todos os serviços, vae como um servo obediente levar as nossas boas festas, annunciar as nossas pessoas, dar os pezames ou os parabens, no que sempre tem a vantagem de poupar o trabalho de compormos o rosto, d'ensaiarmos o sorriso ou de carregarmos o semblante, de emmudecermos ou de soltarmos gritos, de nos curvarmos ou de nos erguermos satisfeitos: emfim, d'apparecermos a dizer, de cara alegre, quando temos um credor á perna:

— «Olá amigo, parabens... mil felicidades!» ou de compungidos, dizermos em voz tremula: «Receba pezames» quando sentimos a alegria e uma mulher que nos espera com beijos e com um ramo de violetas.

Abençoado cartão de visita que tanta farça poupa.

*

Podemos, no emtanto, assegurar a sinceridade do bilhete que a *Illustração Portugueza* dirige aos seus collegas da imprensa que a saudaram na data do seu apparecimento e que a teem cumulado de elogios: é um cartão simples, curto, laconico mas que tem em si toda a gratidão e toda a amisade para essa imprensa tão benevola para a publicação que hoje lhe deseja prosperidade e venturas, e reverente lhe envia o seguinte cartão de visita:

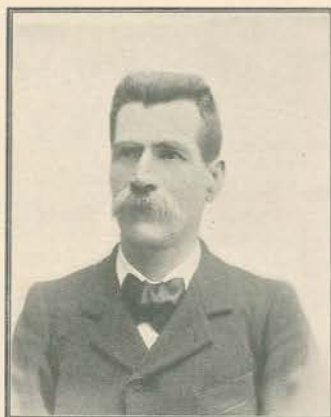
A Illustração Portugueza

Agradece reconhecida.

ROCHA MARTINS.

ASPECTOS LISBOETAS—O MERCADO DE S. BENTO

UM LOGAR DE ROUPA VELHA—A VENDEDEIRA DE HORTALIÇA—UM SERRALHEIRO D'OCCASIÃO—À ENTRADA DO MERCADO

JOSÉ DE NOVAES

TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

JOSÉ LOBO

DR. FERNANDO MARTINS DE CARVALHO

MELLO E SOUSA

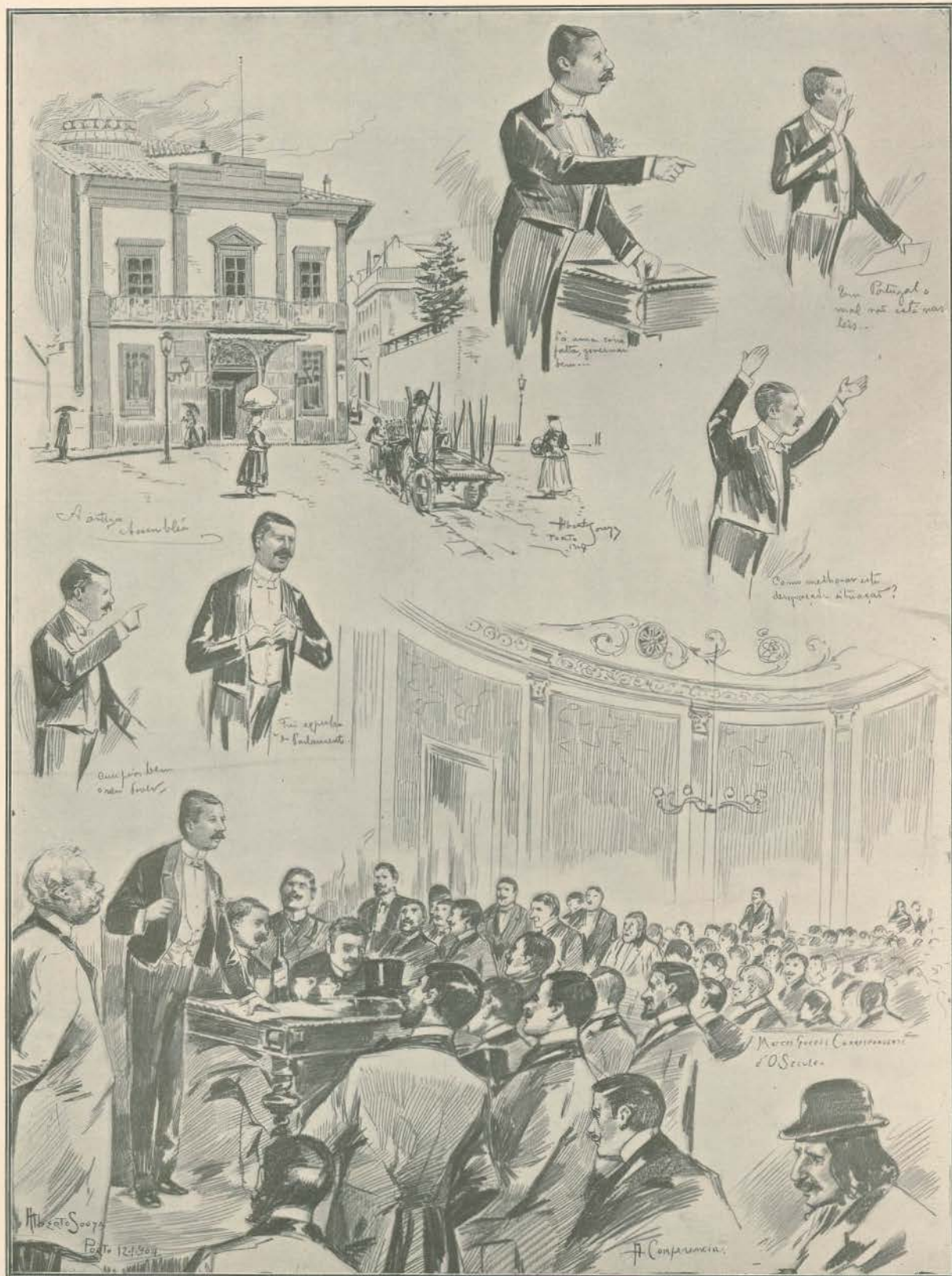
DR. LUCIANO MONTEIRO

JOÃO SARAIVA

JAYME MAGALHÃES LIMA

LUIZ DE MAGALHÃES

MALHEIROS REYMÃO

OS MEMBROS DO PARTIDO REGENERADOR LIBERAL QUE ACOMPANHARAM O EX.mo SR. CONSELHEIRO JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO NA SUA MISSÃO PELO NORTE DE PORTUGAL

A CONFERENCIA DO SR. CONSELHEIRO JOÃO FRANCO NA SALA DA ANTIGA ASSEMBLEA, NO PORTO, EM 12 DE JANEIRO

«A CRUZ DA ESMOLA», PEÇA DE EDUARDO SCHWALBACH, EM SCENA NO THEATRO D. AMELIA
A SCENA FINAL DO 3.º ACTO—A MORTE DE MARIA DO AMPARO (ADELINA ABRANCHES)—«A REDEMPÇÃO! LIVRE! EMFIM LIVRE!»

HABITAÇÕES ARTISTICAS

Digressões e visitas

Casa da Ex.ma Sr.a D. Sarah Motta Marques.

No nosso *carnet* tinhamos notificado ha muito uma visita a casa d'esta illustre dama, figura em relevo na nossa sociedade, pelo prestigio do seu talento largamente

SALA NOBRE

documentado entre intimos, nas *soirées* finamente delicadas que D. Sarah Motta Marques dá amiudadas vezes.

Iamos pois, levados pelo prazer de desvendarmos aquelle «interior» que, d'ante-mão, o sabiamos, traria surprezas carinhosas d'essa deliciosa arte feminina, revelada nos *decors* e nas collecções, aos nossos olhos cheios de fadiga, d'essa fadiga que a vida portugueza traz para todos os esthusiasmos, no que toca a expressões d'arte.

Não vae esta chronica descrever com a minucia exigida todos os salões que atravessámos, mas apenas transplantaremos para aqui, de relance, a impressão colhida durante duas horas de despretenciosa conversa, n'um salão *mignon*, confortavel por aquelle dia aspero de invernia em que gentilmente fomos recebidos.

N'uma das paredes ha um magnifico retrato, de Malhôa, e a conversação inicia-se sobre os pintores portuguezes, que as exposições e a reportagem moderna mais teem notabilisado.

D. Sarah Motta Marques vae-nos referindo os seus enthusiasmos, vae evocando de memoria as telas que em *étalages* transactas mais emocionaram o seu delicado temperamento; mas, a litteratura attrahe egualmente a sua attenção e, n'um momento, eis que nos referimos á gloriosa individualidade de Anatole France. E' sobre a obra do grande escriptor que a nossa primorosa interlocutora vae dizendo impressões, annotações judiciosas, revelando tendencias do seu espirito altamente educado, onde nem sequer falta um traço subtil de ironia, d'essa ironia docil, que é ainda uma lisongeira formula para o artista attingido.

Intencionalmente derivamos o dialogo para os nossos poetas, e, então, D. Sarah Marques refere os seus enthusiasmos especialisando este e aquelle, e de novo a ironia vem abrir uma clareira de risos na aridez artistica das ultimas gerações, onde raros são os que commovidamente veem despertar, com o lyrismo candido dos seus versos, a nossa justificada indifferença.

*

Visitamos dois ou tres salões ricamente adornados, onde sobresahem deliciosas miniaturas de Sevres, de Saxe, grupos de fina e elegante graça, que marcam o prestigio de *bibelot* n'esta época hostil ás mais radicadas tendencias d'arte.

SALA DE VISITAS

A illustre dama mostra-nos alguns quadros de valor, e no seu gabinete vemos tambem sobre *etagéres* e sobre um contador hispano arabe os retratos de grandes artistas portuguezes e estrangeiros, onde nas dedicatorias se lê admiração e respeito pelas raras qualidades artisticas da Ex.ma Sr.a D. Sarah Marques.

SALA DE JANTAR

S. Ex.a chama a nossa attenção para o retrato do actor Rossi, o grande tragico que n'uma afastada época tanto enthusiasmou a nossa plateia. A photographia dil-o envelhecido, «bon bourgeois», sorrindo complacente sob a mancha embranquecida do bigode.

A ESCADA DO JARDIM

SALETA

A ESCADA DO PALACETE

OUTRO ASPECTO DA SALA NOBRE

—Parece um pae de familia retirado do negocio — commentámos.

—E foi um extraordinario actor, o bom velhinho! — replicou.

N'um corredor de passagem vimos uma serie de armarios abrigando uma multidão de bonecas, trajando conforme os usos de cada paiz. Impossivel referencias exactas, basta dizer que a collecção, curiosa e attrahente, attinge o elevado numero de duzentas.

E, ao olharmos cada uma d'aquellas figuretas, como que deante dos nossos olhos perpassam civilisações, parece que corremos mundo, e, n'um colorido cyclorama temos a impressão nitida de todos os costumes.

N'esse armario a Hespanha, com as *manolas* e toureiros, typos de rua, tudo o que é profundamente caracteristico: os gestos impetuosos, a graça desvairada, o exagero, a alegria no berrante dos trajes, os perfis languidos, a seducção e... até a perfidia se exibe n'aquelles olhos pintados na porcelana.

A França, eil-a: typos bretões, que parecem escutar o murmurio nostalgico do Morbiban, a delicadeza taful, congenita da raça, os trajes egualmente coloridos, d'um pittoresco probo; até que, perto da entrada, vemos a curiosa galeria das ordens religiosas. E' a vitrine do recato e unctuosidade, da candidez, do sacrificio, do holocausto, das irmãs enfermeiras, das missionarias, das ordens francezas, *dandies* nas suas tunicas azues e brancas, quasi galanteadoras como na hora em que se alheiaram do mundo para a solidão intranquilla dos claustros.

O FOGÃO DA CASA DE JANTAR

Todos os paizes do globo teem ali os seus representantes, com pormenores exactos de *toilette*.

Depois de termos percorrido todas as *vitrines*, onde se agglomeram as lindas figuretas, constituindo uma collecção unica no paiz, entrámos n'uma vasta e magnifica casa de jantar onde, sobre *etagères* e armarios de torcidos, se ostentam as pratas. Entra uma claridade triste de fim da tarde, e o mobiliario valioso e rico vae mergulhando n'uma penumbra doce. Nas paredes ha tapeçarias deliciosas, fixando assumptos bucolicos. Tudo diz felicidades, paz e conforto, desvelada attenção, cuidado.

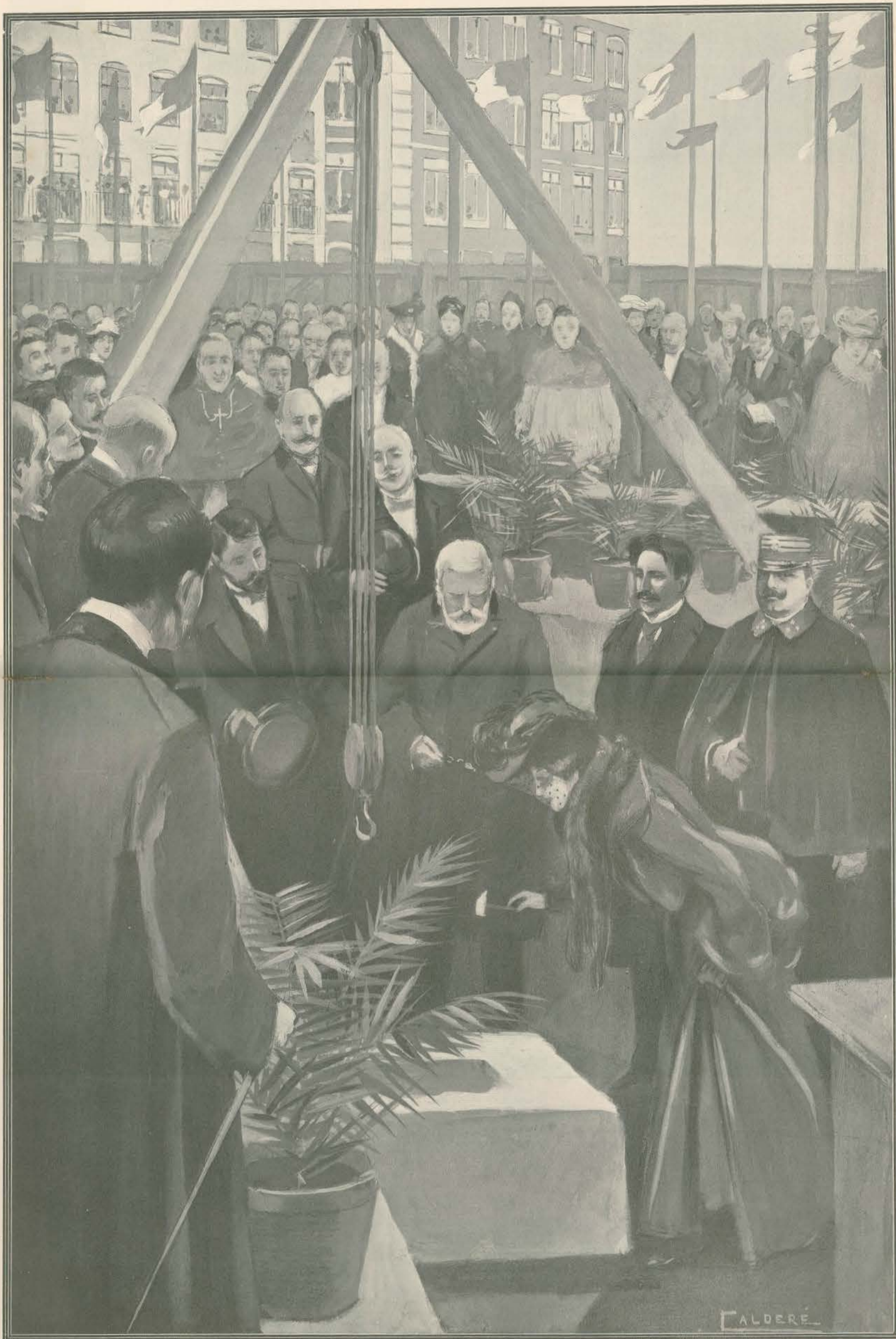
O poente, áquella hora, vinha abrindo um clarão no ceu, e as nuvens fugiam pondo em todo o espaço uma poeira d'oiro pallido, como n'um ceu d'agosto.

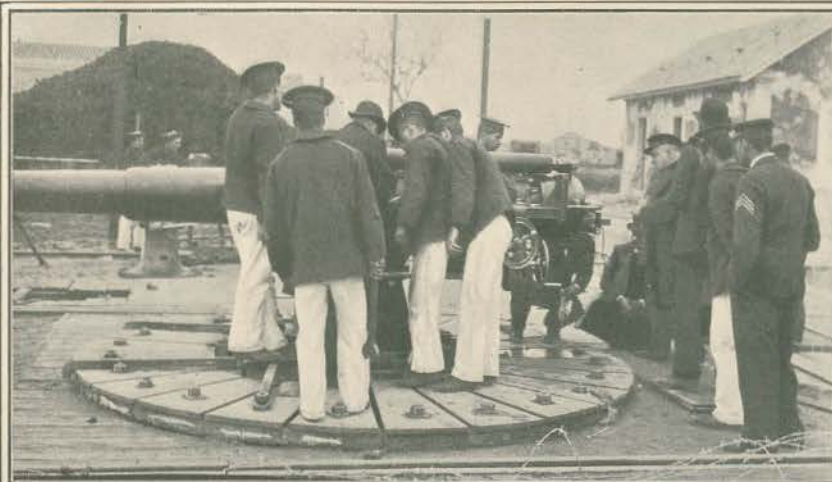
Sahimos; d'aqui, novamente agradecemos á illustre dama a gentileza com que nos recebeu... e aturou.

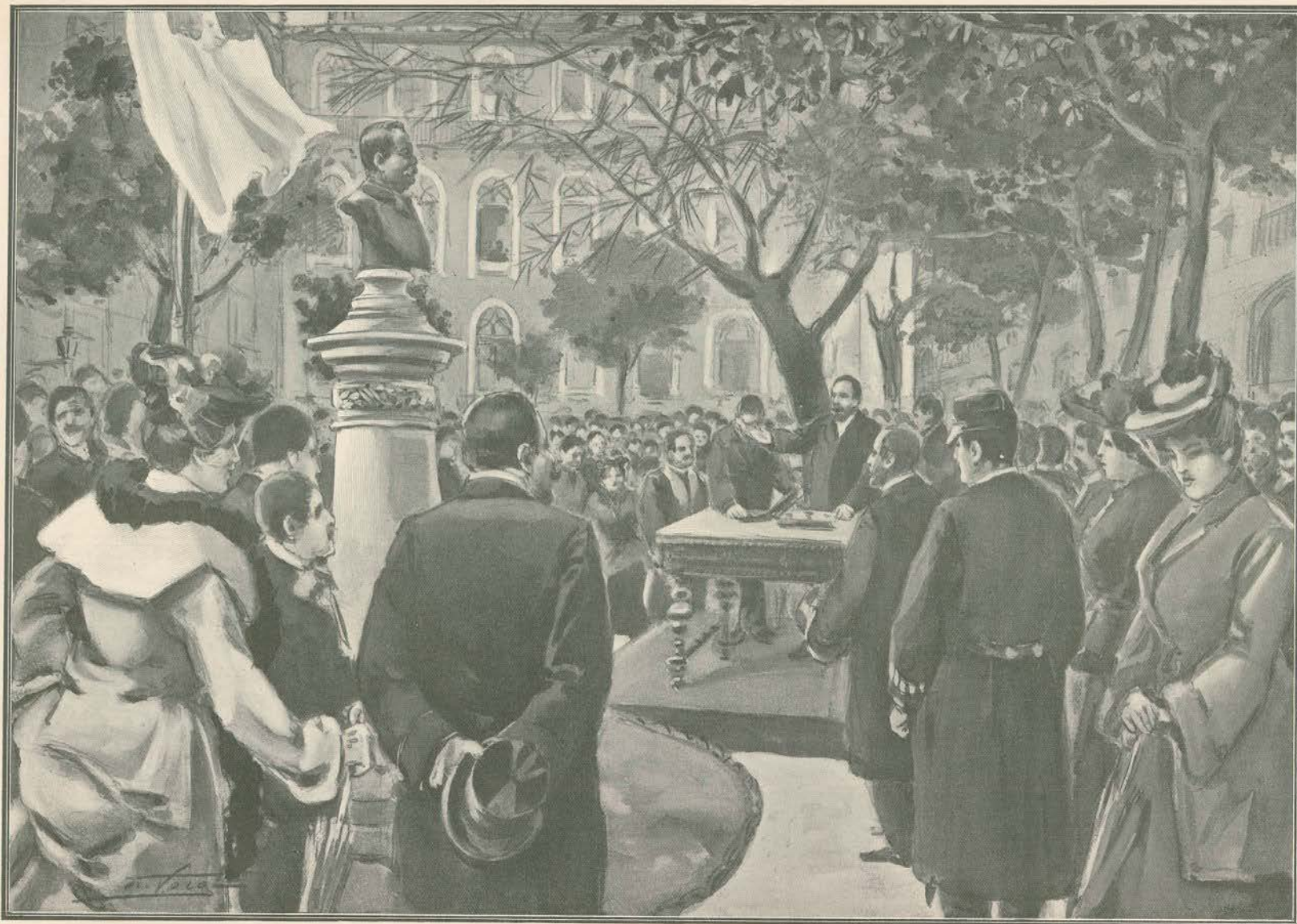
BRAGANÇA — BRAGA — SERRA DA ESTRELLA — PADEIRA DE AVINTES — OVARINO — AVINTES

PRETO CALCEIRO — PRETO DE S. JORGE — ESTUDANTE — TRICANA — FLOR DA ROSA — SARRAZOLA — VISEU — MIRANDA — BRAGANÇA — AVEIRO — PEIXEIRA — LISBOA TRAJO ANTIGO

AGUADEIRO DE GALLIZA — SALOIA — SALOIO — OVAR — BARCELLOS — RIBATEJO — MOÇO DE FORCADO — RIBATEJO — CAVALLEIRO — BANDARILHEIRO — MOÇO DE CURRO

SANTOS TAVARES.

A COLLOCAÇAO DA PRIMEIRA PEDRA PARA O EDIFICIO DA ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS, REALISADA EM 10 DE JANEIRO—S. M. A RAINHA NO ACTO DA CERIMONIA

COSTUMES LISBOETAS—NA RIBEIRA NOVA: DESCARGA DO PEIXE

A EXPERIENCIA D'UMA PEÇA CANET NO POLYGONO DE VALLE DE ZEBRO EM 8 DE JANEIRO

A MONTAGEM DA PEÇA — ASSESTANDO A PEÇA — CARREGANDO A PEÇA — AS CASAS D'ABRIGO E DE CARREGAMENTO — A DESCARGA PELA ELECTRICIDADE — Á PROCURA DO ALVO

A ENTREGA DO MONUMENTO AO VISCONDE DE VALMOR Á CIDADE DE LISBOA EM 9 DE JANEIRO — O SR. VISCONDE DE ATHOUGUIA LENDO A ACTA

A REVISTA Á COMPANHIA DE REFORMADOS NO CASTELLO DE S. JORGE

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Com as conchas de ostras estavam misturados muitos pedaços de louça de barro antiga e quebrada. Ora, como foi que esses montões de conchas de ostras chegaram ali? Não o posso determinar. Louça de barro quebrada e cascas de ostras são suggestivas de restaurantes, mas n'esse caso não deveriam ter occupado esses logares lá em cima n'esse lado da montanha no nosso tempo, porque ali ninguem viveu. Que poderia render um restaurante n'um sitio tão arido, pedregoso e solitario? E, além d'isso, não havia lá rolhas de Champagne entre as ostras. Se jámais ali houve um restaurante, deve ter sido nos aureos tempos de Smyrna, quando os montes estavam coroados de palacios. N'esses termos eu ainda poderia acreditar n'um restaurante; mas como explicar os tres? Houve lá porventura restaurantes nos tres periodos differentes do mundo? — porque ha dois ou tres pés de terra solida entre as camadas de ostras. Evidentemente, a solução dos restaurantes não satisfaz.

O monte deve ter sido o fundo do mar, outr'ora, e levantado, com os seus jazigos de ostras, por um terremoto — mas, em tal caso, como se entende a louça quebrada? E, sobretudo, que me dizeis ás tres camadas de ostras, uma sobreposta á outra, e aos espessos estractos da boa legitima terra entre elles?

Essa theoria não presta. E' muito possivel que este monte seja o monte Ararat, e que ali descançasse a arca de Noé, e elle comesse ostras e deitasse as cascas pela borda fóra. Mas isso tambem não serve. Lá temos outra vez as tres camadas e a solida terra interposta — e, afóra isso, eram só oito na familia de Noé, e não poderiam ter comido todas essas ostras nos dois ou tres mezes que estiveram no cimo d'aquelle monte. Os animaes — todavia, é simplesmente absurdo suppor que elle fosse tão apoucado de juizo que sustentasse os animaes a ceias de ostras.

E' custoso — é até humilhante — mas estou reduzido ao cabo de contas a uma fraca theoria, a saber: que as ostras galgaram lá de motu proprio. Mas que fim poderiam ellas ter em vista? — que iriam ali fazer? De que precisaria uma ostra para trepar a um monte? Trepar um monte deve necessariamente ser um exercicio fatigante e aborrecido para uma ostra. A conclusão mais natural seria que as ostras marinharam até ali para gosar o panorama. Todavia, se a gente se põe a reflectir na natureza da ostra, parece claro que ella se não importa para nada com panoramas. A ostra não tem gosto por semelhantes cousas; não se lhe dá do bello. A ostra tem um genio concentrado, e não vivo — nem sequer alegre, acima do mediano, e nunca emprehendedor. Mas, sobretudo, a ostra não toma interesse nenhum pelo panorama — zomba d'isso. A que cheguei eu agora? Simplesmente ao ponto d'onde parti, que vem a ser: *as conchas de ostras estão ali*, em camadas regulares, quinhentos pés acima do mar, e ninguem sabe como ellas ali foram parar. Atirei-me aos guias de viajantes, e a summula do que estes dizem é isto: «Ellas lá estão, mas como lá foram ter é um mysterio.»

Ha vinte e cinco annos a esta parte, muita gente na America vestiu os seus trajos de ascensões, despediu-se com lagrimas das pessoas da sua amizade, e poz-se prompta a voar para o céo ao primeiro toque da trombeta. O anjo, porém, não a assoprou. O dia da resurreição de Miller foi um logro. Eu não suspeitava que houvesse Millers na Asia Menor, mas refere-me um cavalheiro que, um dia, ha cousa de tres annos, tiveram tudo preparado em Smyrna para a chegada do fim do mundo. Com antecedencia, por largo espaço, houve muito murmurio e preparativos, vindo tudo a acabar n'uma bravia excitação na hora aprazada. Uma mó de povo subiu ao monte da cidadella pela manhã muito cedo, para se livrar do caminho da destruição geral, e muitos dos preoccupados fecharam as lojas e afastaram-se de todo o commercio terreno. Mas o caso mais singular foi que, á volta das tres horas da tarde, estando este cavalheiro e os seus amigos a jantar no hotel, rebentou uma terrivel tempestade de chuva, acompanhada de relampagos e trovões, a qual continuou com furia medonha durante duas ou tres horas. Era cousa nunca vista em Smyrna n'essa quadra do anno, e encheu de terror alguns dos mais scepticos. As ruas pareciam rios, e o pavimento terreo do hotel ficou inundado. Teve que se interromper o jantar. Quando a tempestade acabou, deixando a todos completamente pingando, melancholicos e meio afogados, desceram da montanha os ascensores, tão enxutos como tantos sermões de caridade! Tinham estado a ver de alto a tempestade que lá ia em baixo, e realmente acreditaram que a sua preconizada destruição do mundo estava alcançando um grande exito.

Um caminho de ferro aqui na Asia — no reino phantastico do Oriente — na terra fabulosa das *Mil e uma noites* — é para dar que pensar. Todavia, já ha um, e está outro em construcção. O actual é bem feito e bem dirigido por uma companhia ingleza, mas não dá grandes lucros. No primeiro anno transportou muitos passageiros, mas, quanto a mercadorias, houve apenas oitocentos arrateis de figos!

Chega mesmo quasi ás portas de Epheso — cidade grande em todas as edades do mundo — cidade familiar aos leitores da Biblia, e que era tão antiga como os proprios montes, quando os discipulos de Christo prégaram nas suas ruas. Remonta aos tempos nebulosos da tradição, e foi o berço dos deuses afamados na mythologia grega. E' assaz curiosa a idéa de uma locomotiva que rompe atravez de um logar, como esse, acordando os phantasmas dos seus antigos dias de romance, dos seus sonhos de seculos que já lá vão.

Para lá partimos amanhã para vêr as celebres ruinas.

IX

A caminho da antiga Epheso — Ayassalook — Maldito burro — Uma procissão phantastica — Magnificencia passada — Fragmentos de historia — A lenda dos sete dormentes.

Tivemos hoje um dia de azafama. O superintendente do caminho de ferro poz um comboio á nossa disposição e teve a delicadeza de acompanhar-nos a Epheso e de prestar-nos os seus bons officios. Levámos nos wagons de animaes sessenta mal perceptiveis jumentos, pois tinhamos de vencer muito caminho. Ao longo da via ferrea vimos alguns dos mais grotescos trajos que imaginar se podem. Folgo em verdade de que nenhuma combinação de palavras os possa descrever, pois, de contrario, eu cahiria na tolice de tentar fazel-o.

Na antiga Ayassalook, no meio de um pavoroso deserto, fomos dar com extensas linhas de aqueductos arruinados, e outros restos de grandeza architectonica, que nos diziam bem claramente estarmos proximos da que tinha sido outr'ora uma metropole. Descemos do comboio e montámos nos burros, juntamente com os nossos convidados — excellentes rapazes pertencentes á officialidade de um navio de guerra americano.

Os burricos tinham sellas muito altas para os pés dos cavalleiros não roçarem no chão. Comtudo, esta precaução não surtiu o effeito desejado com os peregrinos de mais elevada estatura. Não tinham redeas, apenas uma simples corda atada ao freio. Cousa puramente orna-

mental, porque o burro se não importava com isso para nada. Se elle puxava para estibordo, podieis virar o leme com força para o outro lado, se isso fosse do vosso agrado, mas elle continuaria da mesma sorte a puxar para estibordo. Havia só um meio em que podia ter-se confiança, e vinha a ser: levanta-lo pela trazeira, e roda-lo até a cabeça d'elle apontar na direcção conveniente, ou suspende-lo debaixo do braço, e leva-lo para uma parte da estrada, d'onde não pudesse sahir sem saltar. O sol dardejava tão ardente como uma fornalha, e os cobre-nucas, os véos e os guardasoes não pareciam servir para outra cousa que não fosse como que tornar a longa procissão mais phantastica do que nunca — pois é de saber que as senhoras iam todas escanchadas, por não poderem sentar-se n'aquellas sellas disformes, os homens iam todos a transpirar e desesperados, com os pés pendurados contra as rochas, os burros iam puxando em todas as direcções, excepto a que era boa, não obstante a bordoada que levavam, e de quando em quando lá cahia um grande guardasol, annunciando a todos que mais um dos peregrinos tinha mordido o pó da estrada. Nunca jámais houve burros tão ruins de governar como estes, creio eu, ou que tivessem tantos instinctos irritantes. Uma vez por outra, nos sentiamos tão cançados e sem folego já para luctar com elles que tinhamos de desistir — e immediatamente o burro tratava de tomar por certo caminho. Isto, com o cançasso e o sol, era o bastante para adormecer, e, apenas o homem adormecia, o burro estendia-se no chão. O meu burro nunca mais tornará á casa da sua infancia. Tem cahido muita vez. A morte não vem longe.

Estivemos todos no theatro immenso da antiga Epheso — quero dizer, no amphitheatro com degraus de pedra — e tirámos uma vista d'elle. Pareciamos ali tão bem como em qualquer outra parte. E' o que eu supponho. Não embellezámos muito a assolação geral de um deserto. Addicionámos quanta dignidade nos é possivel a uma ruina majestosa com os nossos guardasoes verdes e jumentos, mas é pouco. Todavia, a intenção era boa.

Preciso de dizer breves palavras do aspecto de Epheso.

Em um alto e escarpado monte, para a banda do mar, está uma ruina pardacenta de grandes pedaços de marmore, onde, segundo é tradição, S. Paulo esteve encarcerado, ha mil e oitocentos annos. D'estes velhos muros gosa-se a mais linda vista do triste logar onde outr'ora era Epheso, a mais soberba dos cidade tempos antigos, e cujo templo de Diana era de desenho tão nobre e tão perfeito acabamento que occupava um logar na lista das sete maravilhas do mundo.

Por detraz de vós o mar; por deante a verde planura de um valle (um pantano, de facto) que se estende até lá muito longe entre montanhas; á direita, olhando para a frente, a velha cidadella de Ayassalook, n'um alto monte; proximo d'ella, na planicie, a mesquita arruinada do sultão Selim (edificada sobre a sepultura de S. João, e em tempos remotos egreja christã); mais para o vosso lado, o monte de Pion, em volta de cuja frente se agrupa tudo o que resta das ruinas de Epheso, que ainda existem; e separada d'elle por um valle estreito está a extensa, pedregosa e severa montanha de Coresso. O quadro é lindo, e todavia cheio de tristeza — porque n'essa vasta planicie homem nenhum pode viver, e não ha n'ella uma só habitação humana. Se não fossem os arcos, que se vão esboroando, as columnas monstruosas e os muros partidos que se levantam do sopé do monte de Pion, ninguem acreditaria que n'este logar houve jámais uma cidade, cuja fama é mais antiga que a propria tradição. E' incrivel reflectir que cousas tão familiares em todo o mundo hoje como palavras de uso domestico pertençam á historia e ás escuras lendas d'esta silenciosa e funerea solidão. Falamos de Apollo e de Diana — aqui nasceram; da metamorphose de Syrinx n'uma canna — foi feita aqui; do grande Deus Pan — habitou as cavernas d'este monte de Coresso; das Amazonas — esta foi a residencia que ellas mais estimaram; de Baccho e de Hercules — ambos aqui pelejaram contra as mulheres guerreiras; dos Cyclopes — foram elles que collocaram os enormes blocos de marmore das ruinas além; de Homero — foi esta uma das muitas terras do seu nascimento; de Simão de Athenas; de Alcibiades, Lysandro, Agelisau — estiveram aqui de visita; o mesmo direi de Alexandre Magno; o mesmo de Hannibal e de Antiocho, Scipião, Lucullo e Sylla; Bruto, Cassio, Pompeu, Cicero e Augusto; Antonio era juiz n'esta terra, e deixou a sua cadeira em pleno tribunal, quando os advogados estavam falando, para ir atraz de Cleopatra, que tinha transposto a porta; d'esta cidade ambos partiram para excursões de recreio, em gallés com remos de prata e vélas perfumadas, acompanhados de formosas raparigas para os servirem, e de actores e musicos para os recrearem; em dias que parecem quasi modernos, Paulo Apostolo prégou aqui a religião nova, assim como S. João, e aqui se suppõe que o primeiro foi exposto ás feras, pois que na I aos Corinthios, 15, v. 32, diz elle:

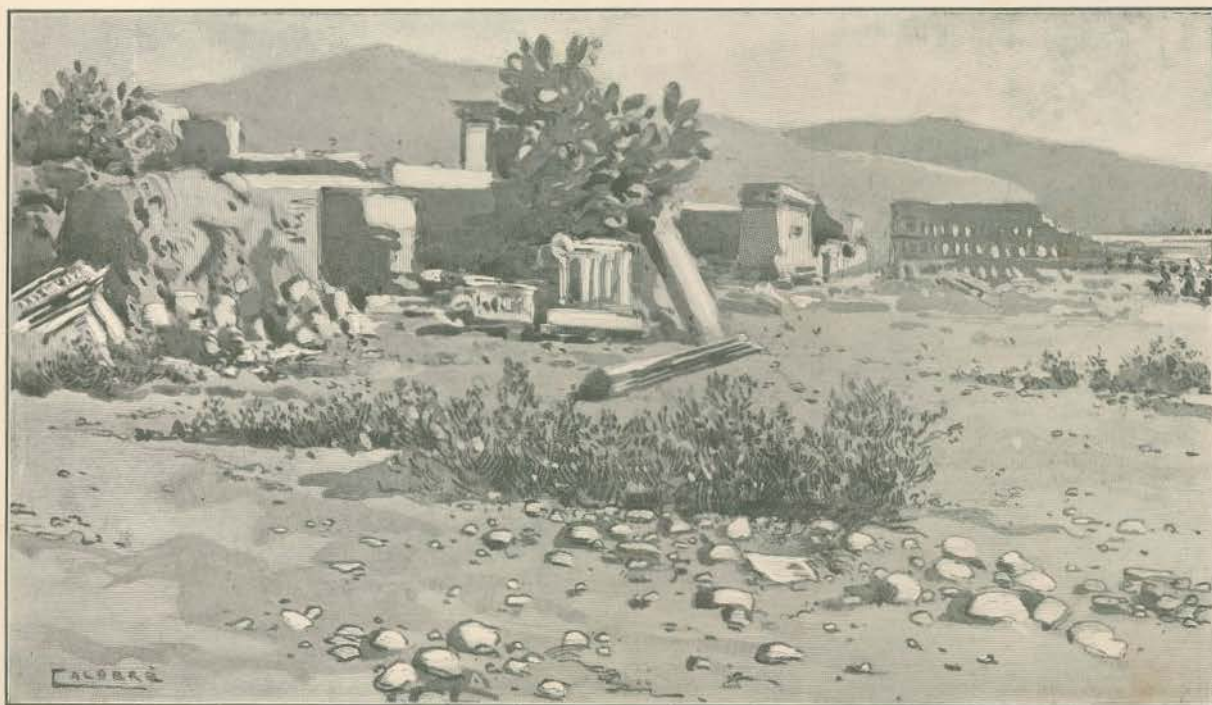
«Se (como homem) eu batalhei com as bestas em Epheso,» etc.

— quando ainda viviam muitos homens que tinham visto a Christo; aqui morreu Maria Magdalena, e aqui a virgem Maria acabou os seus dias com S. João, posto que Roma depois julgasse melhor collocar a sua sepultura n'outra parte: ha seis ou setecentos annos — quasi hontem, a bem dizer — magotes de cruzados com cotas de malha se apinhavam nas ruas; e, para descer a bagatellas, falamos de correntes de agua com meandros, e achamos um novo interesse n'uma palavra vulgar quando descobrimos que o sinuoso Meandro a deu ao nosso diccionario. Faz-me sentir tão velho como estes aridos montes o contemplar estas musgosas ruinas, esta devastação historica. Pode uma pessoa ler as Escripturas e acreditar, mas não pode ir e estar além no theatro em ruinas, e povoa-lo outra vez na sua imaginação com as desapparecidas multidões que ali apuparam os companheiros de Paulo e bradaram, formando uma só voz: «Grande é a Diana Ephesina!» A idéa de um brado em tamanha solidão como esta quasi que faz estremecer.

Era uma cidade maravilhosa esta Epheso. Ide onde quizerdes por essas vastas planicies, e encontrareis fragmentos de marmore o mais delicadamente esculpidos, espalhados com abundancia por entre o pó e as hervas parasitas, e ou sahidas do terreno ou inclinadas sobre elle se vêem bellas columnas estriadas de porphyro e de marmores preciosos; e a cada passo topam-se capiteis elegantemente lavrados e pedestaes massiços, e polidas lapides com inscripções gregas. E' um mundo de reliquias preciosas, um deserto de gemmas deterioradas e mutiladas. E, todavia, o que são estas cousas em comparação das maravilhas que jazem aqui sepultadas debaixo da terra? Em Constantinopla, em Pisa, nas cidades de Hespanha, ha grandes mesquitas e cathedraes, cujas columnas de maior grandeza vieram dos templos e palacios de Epheso, e basta só raspar no chão para encontrar eguaes. Nunca se saberá o que é magnificencia, emquanto esta cidade imperial não for posta ao sol.

A mais bella peça de esculptura que jámais nossos olhos viram, e a que mais impressão nos causou (pois não sabemos muito d'arte, e não podemos facilmente constranger-nos em extasis a proposito d'ella) foi uma que está n'esse velho theatro de Epheso, que o tumulto contra S. Paulo tornou tão celebre. E' só o corpo decapitado de um homem, de cota de malha, com uma cabeça de Medusa no peitoral do arnez, que nos incute a persuasão de que tanta dignidade e tanta magestade nunca de antes uma fórma de pedra revestiu.

Que constructores não foram esses homens da antiguidade! Os arcos massiços de algumas d'essas ruinas descançam sobre pilares que teem quinze pés quadrados e são edificados completamente de grandes cepos de marmore. Não são laminas ou canudos de pedra cheios por dentro de entulho, mas a columna é um aggregado de solida alvenaria. Grandes arcos, que talvez fossem as portas da cidade, são construidas do mesmo feitio. Afrontaram as tempestades e os cêrcos de tres mil annos, e foram sacudidos por muitos tremores de terra, e lá estão ainda de pé. Quando se excava ao lado de elles, encontram-se filas de formidavel cantaria, tão perfeitas em todas as suas partes como o eram no dia em que esses antigos Cyclopes gigantes as acabaram. Uma companhia ingleza vae fazer excavações em Epheso — e então é que ha de ser!

FOLHETIM N.º 10 *(Continúa.)*

ADELINA ABRANCHES
A INTEPRETE DA PEÇA «CRUZ DA ESMOLA» DE EDUARDO SCHWALBACH

A SALA DA BANDA DA GUARDA MUNICIPAL, ONDE SE PRESTOU A HOMENAGEM AO MAESTRO TABORDA

CHRONICA ELEGANTE

O gosto moderno, tão requintado e com tão accentuado cunho artistico, já se não conforma com a classica opulencia d'outr'ora e necessita envolvel-a n'um quadro mais *raffiné* que satisfaça o espirito, deleitando o olhar. E' por isso que actualmente a *toilette* feminina é tão variada e complexa, não obedecendo strictamente a immutaveis regras da moda. Todos os que teem um pouco de sentimento artistico procuram cousas novas e cousas diversas, havendo pessoas que escolhem um typo de vestidos e chapeos adaptados ao seu physico e do qual se afastam apenas o sufficiente para não estar completamente fóra da moda, sem, comtudo, perderem o seu *cachet* puramente individual.

O conhecido vestido de noiva, em setim branco, as correctas e rigidas *toilettes* de seda e velludo com guarnições de rendas, pautadas todas pela mesma bitóla, são hoje vulgares. O traje de noiva moderno, rico e elegante, tem o fundo de setim ou outra qualquer seda apenas como base; é a *tela* sobre a qual o artista em modas dá largas á sua inspiração; ondas de *tulle*, rendas, *gazes*, *mousseline*, bordados variados cobrem o tecido, entrelaçando com graciosas hastes e grinaldas de rosas brancas, jasmins e flôres de murta, dispostas da fórma mais harmonica e caprichosa. O symbolico veu de rendas ou *tulle* liso envolve finalmente toda a figura como uma nuvem ondulante e vaporosa.

Figura 1

Figura 2

O mesmo succede com os vestuarios de recepção e baile, em que cada um procura imprimir a sua *nota* particular. Mistura se a *gaze*, as rendas e as fitas com pelles, flôres e joias; as rendas largas dispõem-se de modo nada banal; ás vezes partem de um hombro onde se fixam com um laço, flôres ou joias, e vão envolvendo uma parte do corpo, passando á saia que percorrem obliquamente, como ao acaso, presas aqui por uma flôr, além por uma *agrape* ou fivela artistica, rematando mais longe com um laço ou *chou*, mas tudo disposto com a mais delicada phantasia.

Nos chapeus percebe-se a mesma tendencia: ha senhoras que adoptam invariavelmente uma determinada côr e feitio de chapeu que lhes fica bem, e só seguem ás variações da moda o quanto fôr necessario para não parecerem antiquadas.

Nas grandes reuniões mundanas onde apparecem e se exhibem as novidades em modas, estas fazem sensação, não pelo que são propriamente, mas pela maneira como são usadas e apropriadas ás pessoas que as apresentam. E n'esses centros elegantes é tal a diversidade de formosos trajes que se torna impossivel decretar qual ha de ser a *moda*. Conclue-se, felizmente, que as modas são muitas e que o segredo do vestir bem é cada um saber o que melhor lhe quadra.

FIG. 1 — Vestido de recepção em *guipure* branco sobre fundo de setim *jaune mais*.

FIG. 2 — Chapeu *mousoreau* em feltro e plumas pretas com grande fivela de *vieil argent*.

FIG. 3 — *Toilette* de jantar e *soirée* em crêpe de *chine* branco e rendas pretas.

Figura 3